



**X Fórum
Nacional
NEPEG** | **de Formação
de Professores
de Geografia**

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**RELEVO E ENSINO:
REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA
GEOGRAFIA ESCOLAR EM ESCOLAS DE MANAUS-AM**

Carlos Silva da Costa Brito
Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Amazonas
carlosscbrito@gmail.com

Miguel Sá de Souza Brito
Professor SEDUC-AM, Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia da
Universidade Federal do Amazonas
miguelsb@gmail.com

Adorea Rebello da Cunha Albuquerque
Professora Dra. do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas
Adorea27@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa parte do seguinte questionamento: De que forma se dá o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos de Geografia Física, voltados Relevo, na Educação Básica? Buscando solucionar a este questionamento, pretendeu-se identificar as formas como ocorrem o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos de Geografia Física, de forma mais específica os referentes ao Relevo e suas formas, em escolas da rede pública da cidade de Manaus, que é uma das mais representativas cidades da Amazônia Ocidental. Para a consolidação desta pesquisa, foram realizadas atividades de pesquisa e coleta de informações/observações em campo, com a participação de 11 professores e 330 alunos que responderam a um questionário sobre suas rotinas em sala de aula pôde-se observar os problemas enfrentados pelos docentes bem como as dificuldades que os discentes têm com relação aos conteúdos de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Geografia Física; Relevo.

Introdução

O Ensino de Geografia tornou-se, nas últimas décadas, um objeto de pesquisa cada vez mais ausente dos principais focos da Ciência Geográfica e, quando se pensa nas pesquisas sobre o Ensino de Geografia Física percebe-se uma ausência ainda maior.

Surgiu assim a indagação acerca da forma como a Geografia está sendo abordada em salas de aula na Educação Básica, tendo em vista sua importância para a formação do cidadão e, que todo seu campo de estudo está diretamente relacionado com o dia a dia de todos. A forma como a Ciência Geográfica será vista no futuro está, em grande parte, relacionada ao modo como ela é percebida e construída nas escolas.

Entre os assuntos abordados pela Geografia Física optou-se por pesquisar o ensino dos conteúdos relacionados ao relevo e sua classificação, pois quando são analisados de forma mais ampla compreende-se que o estudo do relevo está relacionado as categorias da Geografia de Espaço e Paisagem.

O professor e o aluno foram colocados como principais sujeitos da pesquisa. O professor sendo o responsável por ajustar e/ou criar metodologias de ensino que possibilitam, ao educando uma maior compreensão e visualização das formas de classificação do relevo. Foi feita uma análise a partir da formação inicial do Professor de Geografia, sobre a metodologia mais presente no decorrer de sua formação, bem como o método utilizado para compartilhar esse conhecimento com seus alunos.

A realização da pesquisa teve como objetivo geral analisar as metodologias utilizadas na prática docente e a forma como os alunos estão aprendendo sobre o ensino de relevo nas aulas de Geografia. Para alcançar o objetivo foi necessário identificar os procedimentos metodológicos utilizados pelos professores durante a execução de suas práticas docentes, descrever os saberes didático-pedagógicos adotados pelos docentes e por fim avaliar se esses procedimentos são tidos como facilitadores do ensino de Geografia Física.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamentos de base documental, análise de conteúdo, observações feitas a partir do trabalho em campo, entrevistas com profissionais docentes e com os discentes.

As fontes de informações consideradas para a execução deste projeto consistem em: base documental consubstanciadas em publicações de entidades e instituições que define, orientações para a formação do profissional da Geografia.

Outras fontes consideradas foram resultantes do levantamento de referenciais sobre saberes didático-pedagógicos com o objetivo de basear a observação e análise das práticas docentes e; observações e análises das práticas docentes, assim como aplicação de questionários com os profissionais docentes acerca das metodologias de ensino de Geografia Física.

A pesquisa foi desenvolvida em três momentos interligados, onde o primeiro correspondeu à sistematização de saberes didático/pedagógicos e metodologias de ensino a partir da revisão dos referenciais teóricos buscando a sintonia com os objetivos propostos.

No segundo momento, foram realizadas as observações e inspeções de campo, com o objetivo de identificar e coletar dados através das observações das práticas de ensino de Geografia Física sobre os temas Relevo e Classificação de Relevo, dos profissionais docentes e, como estas são compreendidas pelo alunado.

Por fim, no terceiro momento da pesquisa, foi feita a sistematização e triangulação das informações coletadas. As informações obtidas foram sistematizadas, analisadas, categorizadas e comparadas, levando em consideração as dimensões foco de estudo.

Resultados

Para refletirmos acerca do modo como ocorre o processo de ensino-aprendizagem, os conteúdos e os instrumentos didático-pedagógicos utilizados durante a prática docente, se faz necessário conhecer o perfil do professorado.

Esta pesquisa contou com a participação de onze professores da Rede Pública Estadual de Ensino, lotados em escolas das zonas Norte e Leste de Manaus, sendo 63,6% mulheres e 36,4% homens. Os professores foram questionados sobre a existência da possível dicotomia na ciência geográfica, a existência e a insistência dessa dicotomia acaba por “enfraquecer” o entendimento geral da Geografia, visto que acaba por se priorizar uma vertente em detrimento da outra, pois sempre haverá essa relação dos aspectos físicos do planeta com a ação do homem nas mudanças que ocorrem no tempo histórico.

No entanto, quando questionados sobre qual vertente possuem mais afinidade (Figura 1) apontou ter mais afinidade com a vertente da Geografia Humana.

Com qual delas você tem mais afinidade?

11 respostas

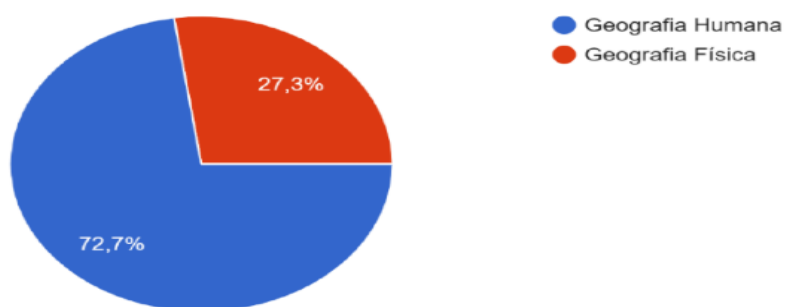


Figura 1: Afinidade entre Geografia Humana ou Física.
Fonte: Trabalho de Campo – maio/2019.

Como forma de justificar a ampla escolha pelo viés humano da Geografia, foi evidenciado que embora busque-se não diferenciar a ciência geográfica a partir da dicotomia imposta pelo Positivismo, muitos possuem uma maior afinidade pela chamada Geografia Humana, seja por apresentar dificuldades no que diz respeito aos conteúdos e nomenclaturas presentes no viés Físico ou por conta do processo de Formação Inicial.

Essa dicotomia pode prejudicar o ensino, pois reforça a aplicação de uma Geografia Tradicional além de limitar o professor no decorrer de sua prática. Nóvoa (1995) ao discutir sobre a Formação Inicial de Professores afirma que "Mais do que um lugar de aquisição de técnicas e conhecimentos, a formação de professores é o momento-chave da socialização e da configuração profissional" (p. 18), reafirmando assim, a importância dos cursos de formação em relação ao perfil profissional que se pretende formar.

Quando abordamos a questão sobre o processo de Formação Inicial que fora vivenciada pelos professores participantes, foi identificado que houveram grandes dificuldades nesta etapa de formação, visto que muitos conteúdos não eram abordados ressaltando a aplicabilidade necessária e/ou possível em sala de aula.

Outro elemento evidenciado, faz referência ao fato de que os cursos de graduação, os quais foram frequentados pelos professores participantes, priorizavam muito mais as disciplinas

da chamada Geografia Humana, assim como grande incentivo à produção acadêmica voltada para esse viés em detrimento da Geografia Física.

Isso pode ser compreendido como resultado da Geografia Crítica enquanto corrente de pensamento vigente no período de formação dos professores participantes, pois a Geografia Crítica, de um modo geral, dá mais ênfase as humanidades.

Oliveira (2002), destaca que a aprendizagem é um processo que não se inicia do nada, visto que se deve compreender que o conhecimento é resultante de uma estruturação, mediada pelo professor, dos “saberes” oriundos do cotidiano vivenciado, em diversos graus e momentos históricos, dos educandos.

Desse modo, salienta-se a importância de conhecer os alunos e concepção que os mesmos possuem em relação ao processo de construção do próprio conhecimento. Para a realização desta pesquisa, foram convidados 330 alunos (Figura 2), com faixa etária entre 13 e 34 anos, todos matriculados em turmas de ensino regular, de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II e das três séries do Ensino Médio de escolas públicas estaduais, localizadas na cidade de Manaus, no Estado do Amazonas.

Série

330 respostas

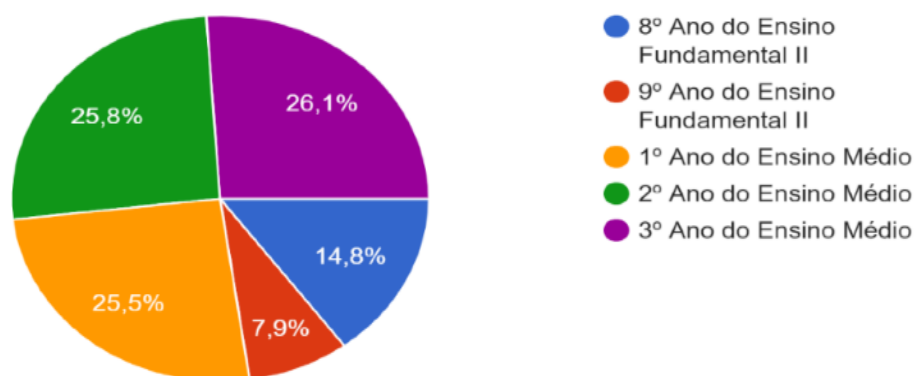


Figura 2: Distribuição, por série, dos Estudantes Participantes.
Fonte: Trabalho de Campo – Maio/2019.

Em relação a Geografia grande parte dos educandos não gostam da disciplina, entre os motivos estão o excesso de informação em determinados conteúdos o que, de acordo com eles, torna no assunto cansativo. Para os discentes, as aulas deveriam ser ministradas fora do ambiente

escolar para que possam ver fisicamente o que estão aprendendo e, nas palavras deles, “não apenas decorar o que está escrito nos livros”.

Aproximadamente 13% dos estudantes afirmaram que “não gostam” de Geografia, tendo como justificativas as seguintes respostas: “Não me dou bem com Geografia, são muitas figuras e eu não entendo nada.”; “Porque eu não entendo quase nada.”; “Não acho que o estudo da matéria Geografia seja de tamanha importância para o nosso aprendizado.”; “Não seria algo que me interessaria em estudar em uma universidade, apenas não é meu interesse.”; “Porque eu não entendo muito e porque não me agrada essa matéria.”; “Por que eu tenho muita dificuldade em geografia e muitas vezes a aula é muito chata e as vezes legal”.

Outra causa de os alunos não gostarem de Geografia pode estar relacionada ao não conhecimento do objeto de estudo e/ou da finalidade de se estudar esta ciência, pois quando foram indagados sobre qual a finalidade da Geografia algumas das respostas foram as seguintes:

- “Pra mim não serve de nada, até porque eu não gosto de geografia.”
- “Pra quem consegue entender é bom.”
- “Não sei responder.”
- “Nenhuma”

Os poucos que conseguem compreender a Geografia citam mapas, localização, clima e meio ambiente. É importante ressaltar que a percepção é mais eficientemente alcançada quando os professores relacionam o conteúdo com o dia a dia dos estudantes, isso aguça a curiosidade, tornando assim o processo de ensino mais eficiente.

Como forma de avaliar o domínio em relação aos conteúdos de Geografia Física, especificamente relacionados ao relevo, foram propostas questões com temas referentes a Domínios Morfoclimáticos Brasileiros e Características do Relevo Brasileiro.

Como resultado das respostas das questões específicas sobre o Relevo observou-se uma dificuldade principalmente no que diz respeito a compreensão do conteúdo sobre curvas de níveis e também nas classificações dos tipos de relevo, há um problema com relação a interpretação de textos ou/e imagens pois essas questões necessitam bastante análise.

De um modo geral, apenas duas das nove questões atingiram índices de acertos igual ou superior a 50%, as questões citadas fazem referência a Curva de Nível (Figura 3) e Tipos de Relevo (Figura 4):

Com relação às curvas de nível observa-se que quando as curvas de nível estão mais próximas umas das outras, significa que o terreno é mais íngreme. Quando as curvas estão mais afastadas, a inclinação da elevação é mais suave. Sendo assim, indique o gráfico que corresponde à figura abaixo:

167 / 330 respostas corretas

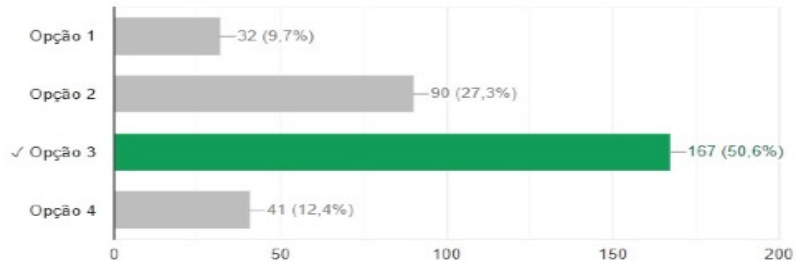


Figura 3: Questão referente à curva de nível.
Fonte: Trabalho de Campo – Maio/2019.

Regiões que apresentam níveis muito elevados de altitude costumam apresentar climas mais frios, em função da menor pressão atmosférica existente nesse tipo de ambiente. O tipo de relevo que registra a ocorrência dos fenômenos acima apresentados é:

165 / 330 respostas corretas

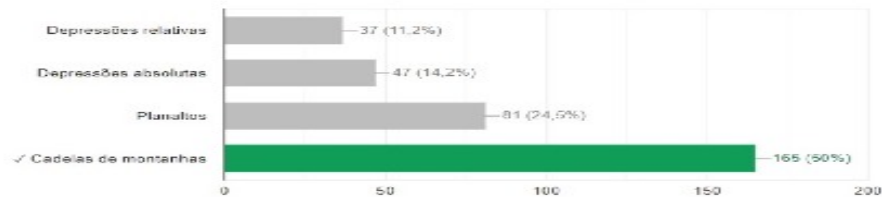


Figura 4: Questão referente aos tipos de relevo.
Fonte: Trabalho de Campo – Maio/2019.

Os resultados demonstram que a maioria dos alunos não conseguem relacionar totalmente seu cotidiano com conteúdos ministrados em Geografia Física. Algumas questões que não possuíam imagens, foram colocadas no questionário pois demandavam uma maior interpretação textual e que os alunos recordassem os conteúdos vistos em sala de aula. Todavia a maioria dos estudantes não responderam a alternativa correta.

Considerações Finais

Pesquisar sobre Ensino de Geografia tem sido bem complexo, seja pela falta de incentivo dentro das universidades, ou pela dificuldade em conseguir a atenção dos alunos e até mesmo dos professores. Por outro lado, perceber a importância que a sala de aula tem na formação e construção do conhecimento dos futuros geógrafos e professores de Geografia, faz com que as pesquisas acerca do Ensino de Geografia ainda sejam essenciais.

Fazendo uma provocação, Kaercher (2002) afirma que há uma certa estagnação do movimento de renovação do Ensino de Geografia, que as aulas ainda funcionam como exposição de informação tornando-as, muitas vezes, desinteressantes pois desvincula-se da vida cotidiana dos alunos. O que se percebeu durante a pesquisa é que esta estagnação do Ensino de Geografia, de fato ocorre e mantém-se com certo predomínio no cenário acadêmico.

Diniz e Fortes (2019) ratificam que a Geografia Escolar, mesmo nos dias de hoje, ainda é praticada de forma obsoleta, ressaltam ainda que o conteúdo é “frequentemente, evidenciado como algo primordial e exclusivo em relação ao ensino-aprendizagem”. Em decorrência disso mantém-se o olhar preconceituoso de que a Geografia Escolar nada mais é do que uma “matéria decorativa”.

É essencial frisar a importância de demonstrar a Geografia no dia a dia dos alunos, pois assim a disciplina deixa de ser vista como “chata” e “maçante”. Segundo Kaercher (2002), para que ocorra uma mudança é necessária uma nova metodologia que “altere a relação professor-aluno, relação esta que, via de regra, continua fria, distante e burocrática”.

O fato de a maioria dos estudantes não entenderem a finalidade da Geografia, não gostarem da disciplina ou simplesmente não quererem, muitas vezes, assistir aula mostra o quanto o ensino de Geografia, ainda, é desacreditado. Portanto, faz-se necessário existir mais diálogos com os discentes, o incentivo a pesquisa sobre os temas abordados, que se busque informações para a construção de novos conhecimentos a partir dos que já existem.

Todavia, existem obstáculos também para os professores, a desvalorização da profissão, a falta de recursos em grande parte das escolas, sobretudo as públicas, acaba por desmotivar suas práticas escolares.

Outro grande motivo dessa desmotivação é a falta de autonomia que as Secretarias de Educação acabam impondo, aos professores, com relação ao conteúdo a ser abordado durante o ano, o que dificulta a maioria das tentativas de mudanças no cotidiano das aulas, visto que com o currículo fechado fica bem difícil incluir novos elementos às aulas e até outras metodologias de ensino, como a prática de campo.

Esses entraves acabam por prejudicar a eficiência do ensino, as dificuldades aumentam sobretudo quando falamos em Geografia Física. A não afinidade com a parte física da Geografia deu-se, segundo relato de alguns professores, a partir da ênfase que sua formação inicial deu à Geografia Humana, bem como suas afinidades com esse ramo da Ciência Geográfica.

Como forma de ultrapassar as barreiras os professores acabam recorrendo a recursos didáticos como maquetes, documentários, filmes, imagens expostas por meio de data show, entre outros. Isso porque é muito difícil sair de sala de aula pra tentar ministrar uma aula mais prática em campo. Desse modo, a demanda para “inovar” as aulas e superar o método tradicional de ensino, ou seja, a transmissão de conteúdos, torna-se cada vez mais complexa.

Kaercher (2002), ressalta que é preciso haja uma mudança na conduta epistemológica predominante, conduta esta que possibilite uma renovação no processo de construção do conhecimento geográfico, propondo assim uma ascensão de uma postura investigatória, pois de acordo com o autor:

Devemos ensinar mais nossos alunos (e a nós mesmos) a duvidarem do que se ouve e lê, inclusive nos livros e na televisão, para que o aluno perceba que não estamos, quando damos aula, ensinando doutrinas, verdades, mas sim que estamos construindo um conhecimento novo a partir do que já temos (a fala do professor, do aluno, o livro texto, os meios de comunicação etc.). Para tal, a dúvida deve ser um princípio metodológico constante. (KAERCHER, 2002, p.223).

No entanto, quando a proposta de construção do conhecimento é feita, encara-se outro entrave que está, diretamente, relacionado à falta de compromisso e indisciplina de grande parte dos estudantes.

Com a não realização das tarefas de pesquisa propostas pelos professores, muitos profissionais docentes acabam desmotivando-se na tentativa de inovar as metodologias, o que torna a aula monótona, pois volta-se para o uso exclusivo do livro didático.

A superação do modelo tradicional de ensino, torna-se a cada dia uma tarefa mais complexa, se faz necessário que o professor, a escola e a comunidade como um todo, estejam atentos e dispostos a compreender as mudanças que ocorrem na sociedade e, somente será possível atender as novas demandas da sociedade com uma maior flexibilização do currículo escolar.

Devemos compreender, assim como Maués (2003) que o Currículo e o Trabalho Docente estão conectados na medida em que o Currículo mostra seus vínculos com a profissão docente em sua gênese histórica, na prática institucional, nas práticas educacionais e, na medida em que o próprio trabalho docente se materializa tendo o Currículo como base.

O Currículo é construído a partir de intencionalidades e visa atingir determinados objetivos em sua aplicação, porém esta organização se dá através das Políticas Curriculares, neste sentido, segundo Rocha (2008), estas assumem um papel fundamental no processo de

regulação do Currículo, pois elas não só estabelecem as decisões gerais que devem ser seguidas, como também dão os subsídios que são necessários para a ordenação jurídico e administrativa para que os mesmos sejam tidos como oficiais.

O autor afirma que é importante entendermos que as Políticas Curriculares devem ser tomadas aqui em sua dimensão de Política Educacional, pois esta dimensão possui a especificidade de estabelecer a forma de selecionar, organizar e modificar o currículo.

Dessa forma, devemos nos atentar ao fato de que repensar o currículo, não deve ser feito, somente, com a mudança de sua forma/estrutura, mas sim a partir das orientações gerais e específicas que nele está contido, ou seja, a mudança deve ir para além da forma e chegar de forma eficaz ao conteúdo.

O currículo passa, então, a ser concebido de forma mais flexível, o que nos permitirá uma maior autonomia aos profissionais docentes em sua prática, possibilitando uma Formação Inicial e Continuada com propostas para uma formação crítica deste profissional.

Para Freire (1996) a prática docente crítica deve envolver um movimento dinâmico e dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer, onde é de vital importância a compreensão de que há a necessidade de se possibilitar, através do processo reflexivo, que a curiosidade sobre a prática docente vá se tornando crítica.

De acordo com Contreras (2002) a concepção de professor enquanto crítico se dá através de um profissional que está ativo e preocupado com a captação e potencialização dos aspectos de sua prática profissional.

A autonomia deste Profissional Crítico suporia um processo contínuo de descobertas e de transformações e, como é um processo contínuo há uma maior dificuldade não só em relação a transformação das condições sociais e institucionais de ensino, como também na construção da própria consciência crítica e, conseqüentemente, no estímulo à participação dos estudantes no seu próprio processo de construção do conhecimento.

Referências

- CONTRERAS, José. **Autonomia de Professores**. São Paulo. Cortez. 2002.
- DINIZ, Ana Cláudia Araújo; FORTES, Mírcia Ribeiro. **A importância das práticas e recursos didáticos-pedagógicos para o ensino de Geografia**: Revista Ensino de Geografia (Recife), Recife, v. 2, n. 1, p. 20-38 jan./abr. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996 (Coleção Leitura).

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

MAUÉS, Josenilda. Vestígios de investigações sobre currículo e formação de professores. In: GONÇALVES, Luiz A. O. **Currículo e Políticas Públicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NÓVOA, António (Org.) **Os Professores e a sua formação**. Lisboa. Publicações Dom Quixote. 1995.

OLIVEIRA, Marlene Macário de. **A Geografia Escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino**. Revista Discente Expressões Geográficas. Florianópolis – SC, N.º 2, p. 10-24, Jun/2006. Disponível em <http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed02/artigo01.pdf> Acesso em Jan/2019.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. Reflexões sobre Currículo e Política Curricular. In: PARÁ, Secretaria de Estado de Educação. **A Educação Básica no Pará: elementos para uma política educacional democrática e de qualidade Pará todos**. Belém – PA, SEDUC-PA, 2008. 140 p.